



MÚLTIPLOS ATIVISMOS, DIVERSAS IDENTIDADES: LÉSBICAS FEMINISTAS EM MOVIMENTOS SOCIAIS

Anelise Fróes da Silva¹

Neste trabalho, fruto de pesquisa antropológica realizada durante o Mestrado em Antropologia Social na UFSC, são abordados os múltiplos pertencimentos no campo dos ativismos. Nosso objeto de estudo são mulheres que se identificam como feministas e lésbicas, e fazem parte destes dois movimentos na cidade de Porto Alegre, RS, através dos quais elaboram redes de atuação com outros. Teoricamente este trabalho está fundamentado no campo dos estudos feministas e nos estudos sobre novos movimentos sociais.

A propósito da proximidade e/ou atuação conjunta com outros movimentos, Mariza Corrêa (2001) relembra que as lutas feministas eram conjugadas à demandas sindicais, políticas, e também dos movimentos negro e homossexual (durante os anos 60/70). No fim dos anos 70, de forma mais incisiva, foi possível identificar que essas interlocuções não se davam apenas entre movimentos, mas entre outros ambientes e campos. Emergia, de forma incontestável, a figura da pesquisadora ativista nos espaços acadêmicos, e também a das ativistas plurais, vinculadas à grupos diversos, partindo de uma visão contestadora feminista, mas articulando outras questões em suas militâncias.

Os processos de transformação por que passaram os movimentos sociais, em especial o movimento LGBT² a partir de meados dos anos 90, ao mesmo tempo em que trouxeram uma certa hiperespecialização no campo dos movimentos sociais, também resgataram a possibilidade de exercício de um ativismo fluido, e de variadas estratégias de identificação com causas e agendas de reivindicação, onde estas são situacionais e circunstanciais.

No caso dos movimentos lésbico-feministas abordados nesta pesquisa, a escolha metodológica conduziu ao estudo destes a partir de duas redes, sendo uma delas institucionalizada, na qual os movimentos são registrados, formalizados como ONGs, e mantém parecerias com outras instituições (inclusive governamentais), e a outra autônoma, na qual se articulam movimentos

¹ Bacharel em Ciências Sociais (UFRGS/2007), Mestranda (2008/2010) do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC, sob orientação da Professora Dra. Miriam Pillar Grossi. Pesquisadora do NIGS – Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades -UFSC. anelisefroes@gmail.com

² Relativo à Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros, que até os anos 90 eram chamados genericamente de “movimento homossexual. Acerca disso, ver Regina Facchini, 2005.



plurais, sem registro formal, e sem qualquer tipo de financiamento para suas atividades. Durante os quatro meses de realização da pesquisa³, foram acompanhadas ações das duas redes, e entrevistadas ativistas das mais diversas origens, mas nos dois casos, o ativismo múltiplo, e os trânsitos identitários das mulheres que foram interlocutoras do trabalho estavam presentes.

Miriam Grossi (1998) já apontava para o caráter multifacetado do movimento feminista no Brasil, tanto no que se refere à atuação conjunta com outros movimentos sociais, como a respeito das diferenças geracionais, de classe, étnicas, o que trouxe também renovações importantes para o movimento feminista, traduzido na emergência do que a autora denominou “novas feministas”. Para estas, no bojo deste processo de renovação do movimento, dois seriam os fatores determinantes para suas atuações: a possibilidade de obter formação política e acadêmica no campo de estudos de gênero e a institucionalização das lutas das mulheres (com a criação de serviços de atendimento à mulheres vítimas de violências, na área das políticas públicas, por exemplo). Além do protagonismo fomentado e aprimorado nos espaços de ativismo acadêmico, Miriam Grossi também aponta para o aumento da necessidade de reconhecimento de novas identidades associadas ao feminismo, como no caso de mulheres que reivindicam seu status como feminista, mas também como lésbica, e também como negras, uma característica bastante presente nesse fluxo de “renovação” dos movimentos feministas.

Para as mulheres envolvidas nas duas redes de movimentos sociais pesquisadas em Porto Alegre, a identificação com causas variadas justifica-se por uma busca constante de transformação da realidade social, embasada por questões emancipatórias oriundas do feminismo; com isso, o fato de pertencerem à diversos grupos, movimentos, redes, ao mesmo tempo, e articularem individualmente esses pertencimentos vários (ser mulher, mas também lésbica, também negra, também ecologista, também feminista, também filiada a um partido político, também atuar na prevenção à Aids), é um dado quase naturalizado para as interlocutoras deste trabalho.

No campo dos estudos de Movimentos Sociais, a multiplicidade de pertencimentos e identidades tem sido analisada por Boaventura Souza Santos (2001), que problematiza a pertinência dos sujeitos em vários movimentos, utilizando-se da categoria emancipação em seus principais estudos. Para ele, os Novos Movimentos Sociais conjugam regulação social e emancipação, e só podem ser compreendidos e estudados a partir de suas características subjetivas e de todas as cidadanias em atuação em seu interior. A proposição de Boaventura Souza Santos se alinha aos estudos de Ilse Scherer-Warren (2008) que sugere que estes novos movimentos sociais são

³ Outubro de 2009 a fevereiro de 2010.



articuladores de heterogeneidades, agregando em suas fileiras sujeitos que não necessariamente se articulam a partir de motivações pessoais (ou individuais) que lhes sejam pertinentes diretamente, mas à questões sociais mais amplas.

A abordagem multi-institucional dos Movimentos Sociais, proposta por Elisabeth Armstrong e Mary Bernstein (2008), aponta que a sociedade é composta por múltiplas e contraditórias instituições, ou seja, é multi-institucional, e que o mercado capitalista, o estado burocrático, a democracia, a família nuclear e a religião cristã são instituições centrais do capitalismo ocidental contemporâneo. Assim, também, as instituições são materiais e simbólicas, não podendo ser separadas em economia, política, cultura, relações pessoais entre sujeitos. Este modo de operar em sociedade vai definir a composição dos movimentos sociais contemporâneos, e também, as associações e pertencimentos no interior destes, por parte de seus ativistas. A figura do militante que está em “todas as causas” ou que segura “todas as bandeiras” não é nova, mas por certo emerge com mais destaque nos Novos Movimentos Sociais. Estes são o lugar por excelência da convergência, da associação entre causas e pautas reivindicatórias, e onde todos os temas podem estar interligados, dependendo dos objetivos que se tenha.

Em minha pesquisa, acompanhei dois eventos centrais, um na rede de movimentos autônomos, e outra na rede dos movimentos institucionalizados⁴, e em ambos conheci ativistas múltiplas. No caso do Encontro Feminista Autônomo, houve a reunião de ativistas diversos, de tendências variadas, mas com objetivos (ou adversários) em comum, o que permitia sua associação. Assim, também, não era contraditório para nenhuma das mulheres presentes, o fato de ser lésbica e pertencer ao movimento das mulheres trabalhadoras rurais, embora vivendo na cidade, ou ser anarco-punk e aceitar integrar uma Rede organizada de Movimentos Autônomos. No campo das redes de movimentos institucionalizados essa possibilidade de múltiplo pertencimento, de variadas identidades em jogo nos movimentos sociais também estava presente, e pelo menos uma de minhas interlocutoras reunia em si a representação de diversos grupos, em fóruns, conselhos e associações, e outras tinham trajetórias elaboradas também a partir de um trânsito entre movimentos, causas, bandeiras.

As reflexões feitas por Marilyn Strathern (2008) acerca dos feminismos e seus diversos formatos de movimentos vem de encontro ao que verifiquei em campo. Segundo a autora, tanto as ciências sociais como os debates feministas contemplam diversas perspectivas, e que especialmente

⁴ Encontro Feminista Autônomo, organizado por grupos autônomos durante um final de semana, e Saia de saia, ato público no dia 25 de novembro (Dia Internacional da Não Violência contra a Mulher), organizado pelos movimentos institucionalizados. Ambos foram realizados em Porto Alegre, em novembro de 2009.



o último campo é pleno de múltiplas possibilidades em sua base, e que isso emerge de sua característica de interdisciplinaridade e competitividade entre suas abordagens internas. Diversas posições e posturas encontram espaço, e se é fato que não se juntam como um todo, são mantidas de forma coesa no interior dos debates.

Diferentemente do campo das ciências sociais, diz Marilyn Strathern, a construção de conhecimento feminista não se dá no sentido de obtenção de cânones, mas de construção de interesses externos, ligados ao mundo social no qual as mulheres e as pesquisadoras feministas estão inseridas. A criação de uma outra ocorre fora do “nós”.

A autora aponta para a existência de diversos tipos de “feminismos”, permeados por diferenças teóricas, compostas de referências cruzadas. No entanto, nenhum ponto de vista, segundo ela, é individualmente auto-reprodutivo, e todas as posições no bojo do debate contém a base teórica de todas as demais. O feminismo, diz ela, está situado no próprio debate. Com isso, ela refere que aquilo que podemos chamar de movimento feminista, ou as organizações de mulheres, são sensíveis às suas questões, mas também a outras, como sexualidade e etnicidades.

Para minhas interlocutoras, tanto de uma rede como de outra, identificadas como lésbicas feministas ou feministas, a pluralidade, a diversidade, a articulação das diferenças a fim de afirmá-las e positivá-las, o fato de ser acadêmica, jornalista, trabalhadora rural, negra ou branca, tudo é parte de uma questão maior, qual seja a manutenção dos movimentos sociais, renovando-os constantemente, em busca de uma sociedade mais justa, igualitária, com equidade de gênero, livre do racismo, do sexismo, da homofobia, da lesbofobia, da transfobia, e de todas as formas de opressão entre os sujeitos, independente de serem homens ou mulheres, mas tendo as últimas como prioridade absoluta.

Mesmo as aparentes divergências entre as redes autônomas e institucionalizadas se diluem, quando informadas pelas trajetórias de minhas interlocutoras. Em determinado momento, percebi que estava ouvindo os mesmos discursos de umas e outras, das que recusavam qualquer forma de institucionalização ou formalização, e diziam não depender de recursos para suas ações, e das que afirmavam que somente com projetos aprovados e financiados é possível existir e manter o ativismo qualificado.

Ou seja, eu poderia estar dentro de uma Rede bastante grande de movimentos institucionalizados, com uma das coordenadoras de um dos principais grupos desta rede, ouvindo as mesmas coisas que tinha ouvido na rede dos movimentos autônomos, de uma de suas lideranças, só que partindo de uma lógica inversa. Para umas, tudo que pode ser mudado só o será se não houver dinheiro internacional e nenhum tipo de relação capitalista ou determinista de ações, entre movimentos e instituições formais. Para outras, tudo



pode ser mudado de fato, e o será, desde que haja recursos, parcerias, financiamentos, congressos, seminários, projetos, cartilhas, folders, e a possibilidade de capacitar outras mulheres em busca de seus direitos

Tudo igual, tudo diferente. E dentro dessa aparente dicotomia, a pluralidade (sempre ela) de ativismos, militâncias e pautas, dando sobrevida ao feminismo, com todas as suas faces, com todas as suas lutas, e com mulheres cada vez mais diversas em suas fileiras, renovando não só os temas em discussão, mas afirmando possibilidades transformadoras a partir de suas etnias, orientações sexuais, escolhas políticas, tendências ideológicas.

Bibliografia

ARMSTRONG, Elizabeth; BERNSTEIN, Mary. Culture, Power, and Institutions: A Multi-Institutional Politics Approach to Social Movements. *Sociological Theory*, n. 26, v.1, p. 74-99. University of Connecticut, 2008.

CORREA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. In: *Dossiê Feminismo em questão, questões do feminismo. Cadernos PAGU*, n.16, ano 2, p. 13-30. Campinas, 2001.

FACCHINI, Regina. *Sopa de Letrinhas? Movimento Homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Ed. Garamond Universitária, Rio de Janeiro, 2005.

GROSSI, Miriam Pillar. Feministas históricas e novas feministas no Brasil. In: *Antropologia em Primeira Mão. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina*, p.1-34. Florianópolis, 1998.

SANTOS, Boaventura Souza. Los nuevos movimientos sociales. *Revista del Observatorio Social de America Latina*, n. 5, p.177-184. Buenos Aires, 2001.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes de Movimentos Sociais na América Latina – Caminhos para uma política emancipatória? *Caderno CRH (Centro de Recursos Humanos), Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia*, n.54, v.21, Dossiê. Salvador, 2008.

STRATHERN, Marilyn. O gênero da dádiva – Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade melanésia. Ed. Unicamp, Campinas, 2008.